MUSEU ARQUEOLÓGICO ILHA DE VERA CRUZ: MEMÓRIAS DA FAMÍLIA LAGOA DE ALFAIA.

***Emely Oliveira Correa*[1]**
***Maria de Jesus do Carmo de Araújo*[2]**

RESUMO: O relato de experiência aborda as narrativas da família Lagoa de Alfaia e suas contribuições para preservar o patrimônio arqueológico na Ilha de Vera Cruz. Iracema Lagoa, é a principal idealizadora dessa tradição familiar, iniciando a coleta de artefatos ainda na infância, junto com a sua irmã Iraci Lagoa, faziam das "caretinhas" brinquedo de criança. Com o tempo, essa prática foi transmitida ao restante de sua família, resultando na criação de um museu familiar que abriga as peças de cerâmica encontradas. O museu, hoje é conduzido por sua filha Iacy Lagoa, representa a proteção dos achados arqueológicos e valorização cultural. Utilizou-se da história oral, por meio de entrevistas com membros da família para a coleta dos relatos. Essa abordagem é complementada por registros fotográficos e por uma revisão bibliográfica que contextualiza a importância das narrativas e dos artefatos na identidade local, consolidando o museu como um símbolo de memória e continuidade para as próximas gerações, reflete o compromisso da família com a valorização de sua cultura e o resgate de suas raízes.

Palavras-chaves: História e memória. Sítio arqueológico. Museu Ilha de Vera Cruz. Família Lagoa de Alfaia. Maués/AM.

1. Introdução

O desenvolvimento deste relato de experiência teve início a partir da pesquisa na comunidade ribeirinha da Ilha de Vera Cruz, situada em frente ao município de Maués-AM, a cerca de 267 km de Manaus. De acordo com o levantamento mais recente feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[3], o município de Maués é

[1] **Emely Oliveira Correa** (é graduanda em Licenciatura em História, pela Universidade do Estado do Amazonas – NESMAU.) *E-mail*: emelyoli682@gmail.com
[2] **Maria de Jesus do Carmo de Araújo** (é Mestra em História, pela Universidade Federal do Amazonas. Seduc/ Am e professora mediadora no NESMAU.) *E-mail*: maria.carmojs@gmail.com
[3] Pesquisa realizada no site da Prefeitura de Maués, disponível em: < A Cidade | Prefeitura Municipal de Maués >(maues.am.gov.br). Acesso em 08 de outubro de 2024.

composto por cerca de 62 mil habitantes, e segundo o relato de moradores da comunidade a Ilha de Vera Cruz possui cerca de mais ou menos 400 habitantes[4]. A comunidade mantém um elo de preservação do seu patrimônio natural e cultural de grande relevância para a região amazônica e destaca-se pela frequência de achados arqueológicos carinhosamente chamados de "caretinhas" pelos moradores, uma denominação afetuosa, pois as "caretinhas" se caracterizam como antropomorfas (formas humanas) e zoomorfas (formas de animais), encontrados nas praias, quintais e seus roçados.

A pesquisa fundamentou-se na metodologia da história oral, complementada por registros fotográficos e referências bibliográficas, com foco na família Lagoa de Alfaia. Para coletar os relatos da família, foram necessárias algumas travessias pelo rio Maués-Açu até a comunidade, onde se preserva uma tradição arqueológica repassada ao longo de gerações. As entrevistas foram estruturadas com Iracema Lagoa, Iraci Lagoa e Iacy Lagoa.

A criação do museu foi um importante feito dessa tradição familiar. Primeiramente idealizado por Iracema e depois conduzido por sua filha Iacy, o museu se transformou em um local de valorização e identidade cultural. As vivências da família que se dedicam à preservação desses artefatos, demostram como a herança cultural pode ser repassada por meio das narrativas, uma prática que muitas vezes complementa e até preenche as falhas deixadas por fontes escritas. Entretanto, a iniciativa foi planejada e realizada pela própria família, sem participação direta da comunidade desde o início do processo. A família, ao longo de anos, recuperou e conservou esses artefatos, garantindo sua correta proteção e exposição.

Durante essa pesquisa, as obras de BURKE (1992) e NEVES (2006) foram essenciais como base teórica. BURKE (1992) ressalta a relevância de entender a história através de diferentes pontos de vista, como as lembranças e relatos orais, que frequentemente encontraram uma compreensão mais abrangente dos eventos históricos. NEVES (2006) por sua vez, discute a conexão entre arqueologia e identidade cultural, explicando que os objetos descobertos em um local específico possuem não apenas valor material, mas também um significado simbólico ao representar as vivências e a história dos habitantes do local.

[4] Foi realizada pesquisa no site IBGE, porém não foi encontrado dados referentes a Comunidade Ilha de Vera Cruz.

2. A Ilha como Sítio Arqueológico

A Ilha de Vera Cruz, se caracteriza como um sítio arqueológico, onde são encontrados vestígios de ações humanas do passado, como os artefatos cerâmicos, que fornecem dados importantes sobre civilizações e culturas antigas. Estas áreas são consideradas importantes fontes para a análise e conservação do patrimônio cultural, já que são fundamentais para a compreensão, das crenças, das relações sociais e das vivências dos povos antigos.

> Assim, devemos nos aproximar das cerâmicas arqueológicas, não só pelo fato de que elas muitas vezes representam os únicos vestígios materiais disponíveis, mas porque ocupavam de fato um papel importante na vida cotidiana e ritual dos povos indígenas da Amazonia. (BARRETO, LIMA e BETANCOURT, 2016, p. 20)

Os sítios arqueológicos são de responsabilidade da União, como destaca a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988[5], o que significa que esses vestígios encontrados pertencem à sociedade em geral. No Artigo 216 é descrito o que são componentes do patrimônio cultural do Brasil, incluindo referência de elementos físicos e simbólicos, áreas urbanas históricas, paisagens, arte, arqueologia, paleontologia, ecologia e ciência. Entretanto, é importante destacar que as expressões "histórico" e "arqueológico" são abordadas de formas distintas, embora caminhem juntas. Arqueologia denota uma relação mais forte do patrimônio com a pré-história, enquanto a história traz uma abordagem mais sistemática de coleta de dados e análise crítica do objeto de estudo.

Durante o período de seca, os fragmentos arqueológicos surgem nas praias, são vestígios de cerâmicas com diferentes grafismos, desenhos, pinturas e texturas que despertam nosso imaginário e a curiosidade de saber mais sobre as práticas culturais desse passado que parece ser tão diversificado. LIMA, COSTA e NEVES, discutem como esses objetos arqueológicos servem como fonte histórica, "Além de cerâmicas e líticos, os

[5] Pesquisa disponível em: https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988 Acesso em: 06 de outubro de 2024.

restos faunísticos, sepultamentos humanos, vestígios paleobotânicas e etc., são passíveis de utilização como fonte potencial de informação histórica e cultural" (2021, p. 30).

Figura 1 e 2- vestígios arqueológicos achados por mim no período da estiagem.

Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Compreender os objetos materiais utilizados pelos povos indígenas é de suma importância para o estudo das culturas amazônicas. NEVES, reitera essa ideia ao destacar que "os povos primeiros da região amazônica provavelmente empregavam diversos materiais distintos na fabricação de seus objetos e na estruturação de suas sociedades" (2006, p. 25). Observar esses objetos nos leva a pensar sobre uma herança antiga que permanece através do tempo e ainda é visível nas paisagens e culturas modernas, em particular na região da Ilha de Vera Cruz. LIMA, COSTA e NEVES enfatizam que:

> É de se esperar, portanto que a floresta que hoje recebe muitos sítios arqueológicos na região tenha, além de uma história natural, também uma história cultural. Assim sendo, é impossível entender aspectos da história natural da Amazônia sem que se considere a influência das populações humanas, do mesmo modo que não se pode entender a história dos povos amazônicos sem que se considere também as relações que esses povos estabeleceram com a natureza (2007, p. 31).

Outra característica significativa é a existência da terra preta (TPI), uma herança de técnicas agrícolas indígenas existente antes mesmo da chegada dos colonizadores. São terras muito produtivas e que resulta da utilização de resíduos orgânicos, cinzas e restos de cerâmicas pelos povos indígenas. Nos antigos assentamentos amazônicos, onde artefatos culturais estão presentes, as terras pretas se formaram devido à contribuição de material orgânico, como carvão de fogueira e queimadas usadas na preparação do solo para a agricultura. KÃMPF e KERN, afirmam que as TPIs são:

> Locais de antigos assentamentos contendo artefatos culturais, cuja coloração escura se deve principalmente ao material orgânico decomposto, em parte na forma de carvão, como resíduo de fogueiras

> domésticas e de queimadas para uso agrícola do solo. Por isso, o teor de carbono orgânico (CO) nas TPIs é elevado, bem como o de P, Ca e Mg, resultantes de cinzas, de resíduos de peixes, conchas, caça e dejetos humanos. Em consequência, a fertilidade da TPI é significativamente superior à da maioria dos solos amazônicos, que são lixiviados e ácidos, não afetados pela atividade humana pré-histórica (2005, p. 286).

Dessa forma, as terras pretas são consideradas exemplo de como as práticas agrícolas antigas, levaram à formação desses solos altamente produtivos, cuja a fertilidade ainda é visível atualmente. A terra preta foi uma base de sustento das comunidades durante muitos anos, desempenhou um papel importante na preservação de artefatos e vestígios culturais, que hoje são fundamentais para compreender a vida e a cultura dos antigos habitantes da região. Os moradores da comunidade utilizam desse solo para plantar suas safras, em áreas de plantio e no cultivo de mandioca, que servem para fazer a famosa farinha de Vera Cruz e o tucupi. Estes itens representam uma fonte de sustento para a maioria dos habitantes da comunidade.

2.1. Narrativas familiar de Preservação da Memória.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram necessárias algumas travessias para comunidade Ilha de Vera Cruz. O trajeto era feito de “rabetinha”, um barco de madeira, que é o principal meio de transporte dos moradores. A viagem dura cerca de mais ou menos 20 minutos, sobre as águas do rio Maués-Açu, onde é possível comtemplar a beleza que a natureza oferece, e ainda por cima observar o despertar da imaginação quando passávamos pela Ilha da conversa, um lugar que fica no meio do rio, descrito pelos ribeirinhos como local de “encantaria”. Portanto, esse trabalho é inspirado em narrativas orais, através de entrevistas com mulheres da família Lagoa de Alfaia, moradoras da comunidade Ilha de Vera Cruz, que juntas construíram um legado de preservação da memória histórica do lugar a que elas pertencem. PERAZZO, defende que:

> Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais (2015, p. 123).

Figura 3- Maria Iracema da Silva Lagoa.

Fonte: Arquivo cedido pela família Lagoa (2024).

Maria Iracema da Silva Lagoa, 63 anos, professora aposentada, é a figura central na preservação da memória histórica da Ilha de Vera Cruz. Desde a infância, ela se dedicou à coleta de artefatos arqueológicos encontrados na comunidade da Ilha de Vera Cruz, “eu tinha 9 anos quando eu comecei juntar as primeiras peças, já varrendo com a minha mãe debaixo assim das árvores, mangueiras, árvores frutíferas”. Em sua infância humilde, Iracema, fazia dos achados arqueológicos seu brinquedo de criança.

> A partir do momento que me interessou, assim que eu via as pecinhas e naquela época era caretinha, né, hoje é cerâmica, então, né, quando eu vi, eu comecei a me interessar eu não tinha brinquedo, a gente era de família humilde, né, casa batida de chão cercada de palha, porta de palha, janela de palha a gente era muito humilde (IRACEMA, 2023).

Com o passar dos anos Iracema, juntou uma coleção de artefatos arqueológicos que incluem cerâmicas e utensílios antigos. Cada peça conta uma história sobre a vida cotidiana, crenças e práticas funerárias dos antigos habitantes da Ilha. “Era o sonho de eu ter o museu, né, eu fazia um museu ao céu aberto para todo mundo”. Seu sonho de criar um museu surgiu de uma necessidade de compartilhar a riqueza cultural encontrada e a memória representada por cada vestígio arqueológico colecionado. Iracema tinha uma visão além do tempo ao mencionar, ao longo de sua entrevista, o desejo de que o museu se tornasse fonte de estudos.

> Pedir, assim, para os professores, porque eles trabalham em cima de projetos, né, e com certeza tem o dia da história, tem a semana da história ou 15 dias de história. Tem que aprender de onde surgiu a nossa

> etnia, porque ninguém quer ser índio, mas, querendo ou não, nós somos índios, né, falou Maués, Mawé, já é índio, né (IRACEMA, 2023).

Figura 4- Museu ao céu aberto, mencionado por Iracema.

Fonte: Arquivo cedido pela família Lagoa (2024).

Iracema menciona o desejo de incorporar a história cultural do local nos currículos escolares, destacando a importância da educação e da conscientização. No entanto, a falta de envolvimento comunitário reflete a resistência ao reconhecimento e a identificação indígena. A trajetória de vida da Iracema, marcada pela paixão de colecionar cerâmicas arqueológicas e a luta pela proteção e partilha desse patrimônio, ilustra a importância da iniciativa pessoal e familiar na preservação cultural.

As narrativas sobre os artefatos arqueológicos não se limitam somente às evidências materiais. Iracy Lagoa de Afaia, 48 anos, dona de casa, herdeira desse legado, relembra com orgulho os primeiros anos de sua infância, quando, junto com sua irmã Iracema, e seus pais, começou a desenterrar as primeiras peças de cerâmica. “Desde criança, a gente já se criou nesse ambiente, é como se isso fosse hereditário, dos nossos pais passou pra nós, e agora está passando pros nossos netos e sobrinhos” (IRACY, 2023). Essas crianças, que cresceram imersas em lendas e histórias sobre o passado, desenvolveram uma relação especial com as cerâmicas.

Para elas, qualquer fragmento cerâmico encontrado era carinhosamente chamado de “caretinha”, onde se mostra a pureza de sua curiosidade e a importância que atribuíam a cada descoberta. “Qualquer coisa que elas acham, já chamam de caretinhas. Para nós, são peças de cerâmica, mas para elas, é algo mágico” (IRACY, 2023). A história de uma urna, encontrada com a ajuda do sobrinho morador da comunidade, destaca a fragilidade de lidar com objetos históricos tão antigos. “Foi ele que viu, e veio me chamar levou três dias para cavarmos com cuidado, mas, infelizmente, a urna começou a se desmoronar à medida que removíamos a areia” (IRACY, 2023).

Figura 5- Iracy Lagoa de Alfaia.

Fonte: Arquivo cedido pela família Lagoa (2024).

Essa experiência, embora marcada por frustração, também é um reflexo da dedicação e do amor que a família coloca em cada peça descoberta. Na cultura local, essas cerâmicas arqueológicas e urnas funerárias estão associadas às "visagens", entidades ou espíritos que, segundo a crença popular, habitam o mundo dos mortos e se manifestam através de objetos antigos. Para muitas pessoas, esses artefatos não são meramente peças de cerâmica, mas sim portais para um tempo passado, guardiões de memórias e de histórias não contadas. "Sempre houve essa ligação com as visagens, como se as peças carregassem algo de especial, algo que nos conecta ao passado de maneira profunda" (IRACY, 2023).

O legado da família Lagoa, ao reunir esses achados arqueológicos repassados por gerações, despertou também em Iacy Lagoa de Alafia, 30 anos, estudante de Arqueologia e filha de Iracema, o sonho de seguir os passos da mãe, a construção de um museu. Com o passar do tempo, Iacy se comprometeu com esta missão e também começou a se identificar com a sua identidade indígena. Essa ligação de identificação tornou-se uma parte importante do seu trabalho, guiando suas decisões no projeto do museu. Para ela, o museu tornou-se uma forma concreta de preservação das tradições e dos saberes ancestrais.

> O projeto desse museu mudou totalmente a minha vida, antes eu era Iacy, mas eu não sabia se eu era branca, se eu era preta, se eu era parda. Depois que eu comecei a estudar o museu, eu entendi meu passado e, hoje em dia, eu sou indígena e não tenho dúvidas nenhuma, e eu sou feliz do jeito que sou (IACY, 2023).

Diante de seus esforços, mão de obra da sua família e o desejo de tornar o sonho de sua mãe realidade, o museu arqueológico Ilha de Vera Cruz entrou no processo de construção. No dia 25 de setembro de 2020, a inauguração do museu arqueológico Ilha de Vera Cruz se concretizou. Para Iacy, o museu é mais do que um simples espaço de exposição, é um local de identificação cultural e um legado que ela pretende deixar para as futuras gerações. “O sítio arqueológico é uma herança para mim, é um trabalho de aprendizado cultural [...]. É uma herança que vou deixar para minha filha, para meus netos e para o futuro”. O projeto do museu reflete seu compromisso com a preservação da história, permitindo que as futuras gerações se conectem com suas raízes. Portanto, esse espaço simboliza a continuidade de um legado familiar e cultural.

Figura 6- Iacy e sua mãe Iracema na inauguração do museu.

Fonte: Arquivo cedido pela família Lagoa (2024)

Figuras 7 e 8- Museu Arqueológico Ilha de Vera Cruz.

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

O acervo do museu é composto por cerâmicas que datam diferentes períodos históricos da Amazônia. Como afirmam LIMA COSTA e NEVES “é preciso ter em mente que se trata de períodos muito longos de tempo, medindo em milhares de anos, envolvendo a vida de gerações” (2007, p. 12). Iacy, ao destacar a complexidade de associar diretamente essas peças a etnias específicas, explica que “é difícil falar como arqueólogo. Eles sempre falam que tudo é possivelmente, não é nada concreto, porque não tem como voltar no tempo e obter essas informações, a gente trabalha muito com períodos”.

Figura 9- Acervo Museu Arqueológico Ilha de Vera Cruz.

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

As classificações arqueológicas, conhecidas como fases e tradições, são essenciais para a interpretação dos artefatos. As fases referem-se a um período relativamente curto durante o qual certas características culturais, como estilos de cerâmica, tipos de ferramentas, padrões de assentamentos e práticas funerárias, permanecem constantes em uma região. BARRETO, LIMA e BETANCOUT chama atenção para que “tenhamos sempre em mente que as vasilhas cerâmicas ou seus fragmentos, independentemente de suas tipologias e classificações em tradições e fases, são, antes de tudo, pessoas” (2016, p. 50).

Portanto, deve-se enxergar além da materialidade desses objetos. Cada artefato, por mais simples que pareça, carrega a história, crenças, costumes e a memória do lugar que é construída a partir da busca de instrumentos que reforcem sua singularidade, ou seja, suas referências culturais. Dessa forma, a comunidade se torna uma ferramenta fundamental para o entendimento histórico e cultural. No manual de inventário, o IPHAN afirma que as referências culturais:

> São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São os fatos, as atividades e os objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão distantes, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de "raiz" de uma cultura (2000, p. 29).

Nota-se que as referências culturais são essências para a identidade coletiva. Elas são a "raiz" de uma cultura, pois conectam as pessoas com suas verdadeiras origens. Antes de tudo, só é possível compreender uma sociedade a partir de seu desenvolvimento histórico, político e social. Partindo disso, é essencial que um povo conheça sua própria história para que compreenda melhor a si mesmo. Daí surge "a necessidade de se ter objetos tangíveis nos quais se possa apoiar o sentimento de identidade" (TUAN, 1983, p. 217). Esses artefatos se tornam relevantes para fortalecer o vínculo com o passado e para a construção de narrativas coletivas.

Diante disso, BURKE evidência, "Nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereotípicos, um entrelaçado que varia de uma cultura para outra" (1992, p. 15). Ou seja, entender a história e memória evidencia que o passado não é apenas um conjunto de objetos, mas sim uma construção subjetiva, que se molda pelas narrativas e significados atribuídos pelas sociedades. Isto é, a memória e o legado histórico se constroem a partir da relação entre o passado e como cada geração adota e transmite essas interpretações culturais.

O trabalho de Iacy, à frente do museu, é um exemplo de como a história e a cultura podem ser resgatadas e preservadas para as futuras gerações, mesmo diante dos desafios relacionados ao reconhecimento da identidade local e do engajamento da comunidade. O museu traz uma importante colaboração na construção de uma memória coletiva e fortalece o sentimento de pertencimento e identidade dos habitantes com o lugar. Além disso, o museu incentiva a elaboração de projetos culturais e educativos, estimulando pesquisas e debates sobre a história local.

2.2. Interseção entre História e Arqueologia

O estudo das maneiras de escrita, narrativa e interpretação da história, realizado pela historiografia, encontra na arqueologia uma importante fonte de provas que questionam e acrescentam aos registros históricos. Segundo Burke, “tradicionalmente, a história tem sido encarada desde os tempos clássicos como um relato dos feitos grandes” (1992, p. 40). Em Vera Cruz, a ligação única entre práticas arqueológicas familiares e a construção de uma narrativa histórica vai além da utilização de textos e documentos escritos. Um exemplo, é considerar a “arqueologia da memória e do afeto” das pessoas que habitam lugares que remetem essas memórias, promovendo o diálogo entre todos os participantes na construção de significados (BEZERRA, 2017, p. 14).

O estudo da história se transformou ao longo das décadas, com novas abordagens e perspectivas sobre como entendemos o passado. Nesse contexto, BURKE estabelece que, “segundo o paradigma tradicional, a história é objetiva. A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos” (1992, p. 15). No entanto, “a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como a única história verdadeira, o centro a que tudo mais deve ser relacionado” (BURKE, 1992, p. 23). Esse novo enfoque destaca a importância da interdisciplinaridade, em que a arqueologia se torna fundamental não apenas como uma adição à história registrada, mas como um recurso significativo para a compreensão de novas narrativas.

A história convencional, muitas vezes aprimorada em fontes como crônicas, relatos de viajantes e documentos oficiais, costuma negligenciar ou excluir as perspectivas de povos indígenas e outras culturas pré-coloniais sem registros escritos. LIMA, COSTA e NEVES ressaltam que “podemos dizer que a história da ocupação pré-colonial da Amazônia é contada através da análise e interpretação dos registros materiais deixados pelos povos que habitaram no passado” (2007, p. 30). Dentro desse cenário, BURKE, enfatiza que “a cultura material é evidentemente o campo de ação tradicional dos arqueólogos, que estudam períodos para os quais não existem registros escritos”. (1992, p. 28). A arqueologia é vista como uma parceira fundamental da história, resgatando essas narrativas orais esquecidas e oferecendo uma nova visão sobre o passado.

Diante disso, a arqueologia é formada por diálogos entre ideias teóricas e o desenvolvimento de métodos de pesquisa. Esses métodos são os que permite a descoberta

de vestígios e a interpretação aprofundada do passado, na construção de um entendimento mais completo da história humana. Com isso, FUNARI destaca que "a arqueologia é uma disciplina que não pode ser desvencilhada de muitas outras com as quais está relacionada" (2003, p. 85). A análise do material cultural e da grande variedade de objetos que fazem parte da vida cotidiana das pessoas frequentemente requer a colaboração da arqueologia com diferentes disciplinas. Nesta perspectiva, a arqueologia é um instrumento que oferece ao historiador novos dados e análise.

Assim, a interação entre história e arqueologia aprimora a compreensão da identidade do passado e ajuda a formação cultural atual, destacando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar que considere a complexidade das narrativas humanas. A disciplina central da história analisa essas relações e muda a compreensão do nosso papel no mundo, mantendo uma ligação constante entre passado, presente e futuro. BEZERRA conclui que, na Amazônia, a relação entre arqueologia e memória é inevitável, "não porque informam sobre as coisas ditas arqueológicas, mas porque as coisas ditas arqueológicas informam, falam, sobre as relações das pessoas no presente" (2018, p. 55).

3. Conclusão

Diante disso, a trajetória da Família Lagoa de Alfaia na preservação da memória histórica da comunidade Ilha de Vera Cruz externa a força da tradição oral e da iniciativa individual na construção de um patrimônio cultural. O museu arqueológico Ilha de Vera Cruz, fruto de anos de dedicação, preserva um material rico em significado, além de representar um espaço de identidade, educação e conexão com as raízes indígenas da comunidade.

Além disso, o museu arqueológico Ilha de Vera Cruz se torna um recurso educativo e uma oportunidade de conscientizar a importância de preservar essa herança cultural, que são os achados arqueológicos. Afinal, são esses conjuntos de elementos materiais e imateriais que representam, os costumes, modo de vida e a identidade de um povo, e que se tornam importantes para a preservação da memória.

A história desse lugar, contada através das narrativas da família Lagoa, contribui para que história e a memória da Ilha não se percam, reafirmando a importância de iniciativas locais na proteção desses objetos arqueológicos. Isso inspira e nos leva a refletir sobre a importância de valorizar nossas origens. Em última análise, almejo que

esse relato de experiência inspire outros a valorizar e proteger seus próprios legados, mantendo viva as tradições que moldam nossas sociedades e fortalecendo a contribuição para a cultura local.

4. Referências

BARRETO, Cristina, LIMA, Helena, BETANCOURT, Carla, da **Cerâmicas Arqueológicas Amazônia:** rumo a uma nova síntese. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016. Disponivel:<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ceramicas_arqueologicas_amazonia_nova_sintese.pdf>. Acesso em: 06/06/2024.

BEZERRA, Marcia. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. **Vestígios** – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 12, n. 2, p. 52-58, jul./dez. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/12198> . Acesso em: 27 de setembro de 2024.

BEZERRA, Marcia. **Teto e Afeto**: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia; – 1ª ed. – Belém: PA: GK Noronha, 2017.

BRASIL. **Constituição Federal** (1988). Disponível em:<https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988> Acesso em: 06 de outubro de 2024.

BURKE, Peter: **A escrita da história:** novas perspectivas: São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista,1992. (Biblioteca básica)

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Editora, contexto; 3edição, 2003.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Inventário Nacional de Referências Culturais**: manual de aplicação. Brasília: Iphan, 2000. Disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual_do_INRC.pdf > Acesso em 10 de outubro de 2024.

KÄMPF, Nestor, KERN, DIRSE, Clara**. O solo como registro da ocupação humana pré-histórica na Amazônia**. In: P. TORRADOVIDAL, L. R. F. ALLEONI, M. COOPER & A. P. SILVA (Ed.): Tópicos em ciência do solo: 2005, 1. ed., v. 4: 277-320. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, Viçosa.

LIMA, Helena; COSTA, Fernando; NEVES, Eduardo. **Arqueologia Amazônica**. Consultoria cientifica arqueologia. Manaus: Governo do Estado do amazonas: secretaria de Estado da Cultura ccpa, 2007, 96 p. IL (Coleção cadernos da Amazónia)

NEVES, Eduardo Goés. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora, Jorge ZAHAR. 2006.

PERAZZO, Priscila F**. NARRATIVAS ORAIS DE HISTÓRIAS DE VIDA**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS, v. 16, p.123, 2015.

Prefeitura de Maués. <A Cidade | Prefeitura Municipal de Maués >(maues.am.gov.br). Acesso em 08 de outubro de 2024.

TUAN, Yi-Fu **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

Fontes orais

Iacy Lagoa de Alfaia, 30 anos e estudante de Arqueologia pela Universidade do Estado do Amazonas. Entrevista realizada em: 13 de fevereiro de 2023.

Iracy Lagoa de Alfaia, 48 anos e dona de casa. Entrevista realizada em: 23 de setembro de 2023.

Maria Iracema da Silva Lagoa, 63 anos e professora aposentada. Entrevista realizada em: 24 de setembro de 2023.

Recebido em: 14/11/2024
Aprovado em: 21/11/2024